



ANAIS

AGRICULTURA FAMILIAR COMO FONTE DE RENDA EM MOÇAMBIQUE NO CONTEXTO DA COVID-19

ANDRÉ MAPUTA

andre.maputa@unesp.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

LETÍCIA FERNANDA MAURÍCIO PIRES

fernanda.pires@unesp.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

AFONSO LOPES

afonso.lopes@unesp.br

UNESP

JOÃO DE LUCCA FILHO

joaodelucca@terra.com.br

FACULDADE DE TECNOLOGIA DE TAQUARITINGA

ANA CLÁUDIA FERNANDES TERENCE

ana.terence@unesp.br

FCL-UNESP

RESUMO: RESUMO Ao longo do tempo da Pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), a agricultura tem sido instrumento relevante na recuperação econômica nos países com tal vocação. O presente artigo visa a buscar a concepção dos pequenos agricultores sobre o processo de produção alimentar e acesso ao mercado no contexto da COVID-19 para a comercialização dos produtos. A metodologia do trabalho culminou na abordagem teórica sobre agricultura como fonte de renda familiar em Moçambique. Nesta amplitude foi contextualizado resultados de pesquisa sobre o processo de produção alimentar, produtividade, acesso ao mercado e ao crédito de financiamento, oportunidades e desafios do agronegócio, bem como as dificuldades encontradas para tanto. A agricultura familiar em Moçambique é a principal fonte de renda das famílias e o sustento delas também. Famílias se unem para trabalhar e manter seus lares abastecidos. Agricultura, Renda Familiar, COVID-19.

PALAVRAS CHAVE: Agricultura, Renda Familiar, COVID-19.

ABSTRACT: Over the time of the SARS-CoV-2 Pandemic (COVID-19), agriculture has been a relevant instrument in economic recovery in countries with such a vocation. This Article aims to seek the conception of smallholder farmers on the food production process and market access in the context of COVID-19 for the marketing of products. The methodology of the work culminated in the theoretical approach on agriculture as a source of family income in Mozambique. In this breadth, research results were contextualized on the process of food production, productivity, market access and credit financing, opportunities and challenges of agribusiness, as well as the difficulties encountered to do so. Family farming in Mozambique is the main source of income for families and their livelihoods as well. Families come together to work and keep their homes stocked.

KEY WORDS: Agriculture, Family Income, COVID-19.

ANAIS

1 INTRODUÇÃO

Em Moçambique a agricultura é a principal atividade econômica de cerca de 70% da população, considerando-se que aquele país totalizou 26,4 milhões de habitantes em 2016, sendo a produção agrícola de subsistência e, por isso, dominada por pequenos camponeses. Por outro lado, a exportação de produtos agrícolas constitui, para além do impacto sobre as rendas das famílias rurais, base sólida para a diversificação da economia nacional, importante fonte de divisas e catalisador de crescimento econômico inclusivo e sustentável (INE, 2012, p.30; INE, 2019; UNDP, 2018; ARNDT et al. 2008, p. 314).

Destaca-se a grande diversidade de produtores de hortícolas em termos de conhecimento e de acesso à informação, uso de tecnologia e de comportamento na produção e na comercialização. Por esta razão, é importante saber mais sobre os diferentes tipos de produtores, de modo a ser mais eficiente nas estratégias de intervenção para cada grupo e, consequentemente, resultar em maiores lucros para os agricultores (DUTRA ET AL. 2015, P.43).

Segundo o Ministério da Agricultura (MINAG, S/D), o setor contribui com 25% do PIB e emprega cerca de 80% da massa laboral. Moçambique possui uma área total de 799.380 km² dos quais cerca de 36 milhões de hectares, ou seja, quase a metade do território nacional é de terra arável, na sua maioria inexplorada. O país tem abundantes recursos naturais e apresenta condições agroclimáticas favoráveis à produção em escala de uma multiplicidade de produtos agrícolas, tanto para o consumo doméstico como para a exportação, essa facilitada pelo fato de o país estar localizado na porção sudeste do continente africano, banhado a leste e ao sul pelo Oceano Índico, limitando-se ao norte com a Tanzânia, a noroeste com Malauí, a oeste com a Zâmbia e Zimbábue e a sudoeste com a África do Sul e Suazilândia. Tal localização também facilita o escoamento de produto pelo Oceano Índico até a Ásia.

De acordo com Dutra et al. (2015, pp. 23-24), a produção de hortícolas, tanto comercial como para a subsistência, possui papel importante para a atividade do setor agrícola familiar, contribuindo para o seu fortalecimento e garantindo a sua sustentabilidade. Entretanto, até aqui, os níveis de produção e produtividade alcançados não se mostram atrativos e satisfatórios, pois vários problemas têm ditado a baixa produção, produtividade e comercialização. Dentre esses problemas encontram-se:

- a) Grandes custos de transação devido à frequente dispersão geográfica e à fraca organização dos pequenos produtores rurais em associações de produtores;
- b) Pequeno acesso aos mercados da comunidade - os produtores muitas vezes precisam trafegar por distâncias de até 15 km para comercializar a produção, bem como adquirir produtos e insumos;
- c) Pequeno desenvolvimento da rede de transporte e outras infraestruturas econômicas rurais;
- d) Acesso limitado a serviços financeiros;
- e) Cobertura limitada de atividades de extensão rural;
- f) Reduzida cobertura pelos meios de comunicação de grande parte do país, especialmente as zonas rurais. O mercado de hortícolas ainda é bastante informal e pouco

ANAIS

desenvolvido em Moçambique, sendo o crescimento limitado pela dificuldade, tanto do setor público como do privado, em investir de forma coordenada e integrada para o desenvolvimento de todos os elos da cadeia produtiva. De uma maneira geral, os produtores contam com limitada organização administrativa e desenvolvem atividade agrícola num contexto familiar. O resultado disso é o processo de compra e venda de forma rudimentar diretamente no mercado.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo foi discutir o processo de produção alimentar e o acesso ao mercado diante da Pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Pandemia Mundial do Novo Coronavírus

No início dezembro de 2019, mais precisamente no dia 12 deste mês, o mundo foi surpreendido negativamente quando em Wuhan na China, foram relatado primeiro caso de (SARS-CoV-2), que é o vírus responsável pela transmissão da COVID-19 (VALENCIA 2020; SHEHAWI ET. AL. 2020; RAVI ETAL. 2020; WAN ET. AL. 2020).

O surto infeccioso afetou o país de origem (China) rapidamente e se espalhou por todos os países do mundo. No mês seguinte, já em 31 de janeiro a OMS (Organização Mundial Da Saúde) declarou emergência de saúde pública e de preocupação internacional (MATHURIA et al, 2020) e em 11 de março de 2020 declarou oficialmente pandemia mundial (LAI ET AL. 2020; RAVI ET AL. 2020).

A infecção por SARS-CoV-2, causa nos pacientes uma crise respiratória grave (ZHAI ET AL. 2020), podendo variar de pessoa para pessoa, alguns podem ser assintomáticos ou apresentar sintomas leves da doença, nos casos mais graves os infectados acabaram falecendo.

O termo “pandemia” pode ser utilizado para se referir às doenças infecciosas, principalmente dos que desejam chamar a atenção para o problema de saúde pública em larga escala que pode estar se aproximando, pandemia se caracteriza por como uma “epidemia” que percorre o mundo todo ou uma grande área territorial (SINGER, TOMPSON E BONSALL, 2021).

Para se proteger do novo Vírus que está circulando, a OMS (2021) recomenda alguns cuidados simples que podem proteger da contaminação como: manter-se distante de pessoas que apresentem os sintomas, evitar ficar no meio de multidões, manter os ambientes arejados, apropriar-se do distanciamento físico, lavar as mãos, e usar as máscaras de proteção de forma adequada, cobrindo nariz, boca e queixo.

A pandemia fez com que diversos setores da economia se enfraquecessem, e a agricultura principalmente a familiar, ajudou as famílias a manterem suas rendas e o sustentos das famílias carentes da África, mais especificamente em Moçambique.

As províncias e municípios, ficaram debilitados com a disseminação do novo Corona vírus, pois muitas casas perderam seus chefes de família, logo a dependência e carência quanto a alimentação e ajuda monetária se torna um problema para essas pessoas, que geralmente depende da agricultura para se manter.

ANAIS

O alimento é o principal fator para a sobrevivência humana, e em Moçambique e no país (África) em geral, o abastecimento é um problema e a agricultura se torna o principal aliado de pequenos agricultores que cultivam no campo com suas famílias.

2.2 Agricultura familiar em Moçambique

Em Moçambique, de acordo com Mosca (2014), a agricultura familiar consiste na atividade econômica que ocupa grande parte da população, podendo alcançar mais de 75% dos cidadãos. A agricultura familiar em Moçambique é definida como sendo aquela feita em áreas com menos de um hectare, onde o cultivo da terra é realizado por pequenos produtores rurais, usando mão de obra familiar, ou aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo (SITEO, 2005).

Segundo Plano de Ação para Redução da Pobreza 2011-2014 (PARP, 2011, p. 19), que estabelece diretrizes de todos os setores em Moçambique, os setores agrários/pesqueiro constituem pilar da economia do país, contribuindo nos últimos 5 anos para mais de 25% do Produto Interno Bruto e entre 7% e 11% da taxa de crescimento da economia. A estratégia principal para o desenvolvimento do setor agrário e pesqueiro assenta no Plano de Desenvolvimento Agrário (PEDSA) e no Plano Diretor das Pescas (PDP).

O papel do setor familiar para a segurança alimentar e nutricional é crucial, em particular nas zonas rurais, pois a produção de culturas alimentares básicas (principalmente milho, mandioca, arroz, feijões) constitui quase 90% do total, enquanto a pesca artesanal é responsável pela produção de 85% do pescado para o consumo interno. Uma das principais características do setor familiar é a utilização de técnicas rudimentares que geram rendimentos muito baixos e retornos modestos.

Conforme Ministério de Agricultura (MINAG, 2008), o arroz é o terceiro cereal mais produzido depois de milho e mapira, ocupando área de 200.000 ha dos 900.000 ha potenciais. Cerca de 90% da área cultivada localiza-se nas províncias da Zambézia e Sofala, onde esta cultura é praticada nas zonas baixas, seguindo as províncias de Nampula e Cabo Delgado, sendo a província de Gaza a quinta maior produtora.

O aumento da produtividade agrícola afetaria a população Moçambicana através de vários mecanismos, dentre os quais se destacam:

a) Redução da inflação mediante a diminuição da importação de produtos agrícolas, que muitas vezes está sujeita ao aumento dos preços dos combustíveis no mercado internacional (ARNDT et al., 2008);

b) Ampliação da produtividade aliada a melhores condições de armazenamento e processamento pode incrementar disponibilidade de alimentos ao longo do ano, tornando mais eficiente a segurança alimentar e nutricional das famílias;

c) Aumento da produtividade, combinado com o melhoramento de infraestruturas de comercialização, resulta em maior rendimento familiar (CUNGUARA E DARNHOFER, 2011).

As doenças têm sido uma das principais preocupações das empresas, bem como do setor familiar que produz arroz em Moçambique, aliás, as doenças tem impacto direto na

ANAIS

renda e na segurança alimentar para mais de 630.000 famílias envolvidas na produção de arroz, principalmente para o consumo (ZANDAMELA, 2009).

Dados divulgados no Censo Agropecuário (CAP, 2009-2010) afirmam que a produção alimentar em Moçambique se divide basicamente em quatro categorias: cereais, leguminosas, oleaginosas e raízes e tubérculos. Essas culturas ocupam a maior área, que é de 4,4 milhões de hectares, que correspondem a cerca de 79% da área total cultivada no país. Isto sugere que o setor da agricultura continua de subsistência e pouco orientada para o mercado. As culturas de maior rendimento ocupam apenas 321 mil hectares, o que equivale a aproximadamente 6% da área total cultivada. Uma análise desagregada por região mostra que os cereais são mais importantes na zona centro, sendo as raízes e os tubérculos mais importantes no norte do país.

As regiões centro e norte são as mais populosas, sobretudo as províncias de Zambézia e Nampula com 19% e 20% da população total, respectivamente (CAP, 2007).

Esse fato pode ser a razão pela qual naquelas regiões se observam maiores áreas cultivadas (48% na região centro e 34% na região norte) e maior número de explorações. Na região central predomina as áreas de cereais e de leguminosas, respectivamente, 57% e 45% da área cultivada. Complementando, os cereais e as leguminosas correspondem a 29% e 34%, na região norte, e 15% e 21% na região sul, respectivamente (CAP, 2010).

A zona norte tem as maiores áreas cultivadas com oleaginosas e raízes/tubérculos, compreendendo aproximadamente 47% e 43% da área cultivada, respectivamente. Para a categoria das oleaginosas, a zona sul está em segundo lugar com 27%, e a zona centro em último com 26%. Na categoria de raízes/tubérculos, a zona centro está em segundo lugar com 39% da área cultivada, e em último a zona sul com 18%. Cerca de 79% da área total cultivada é usada para a produção de culturas alimentares básicas, sendo 47% ocupados por cereais, 26% raízes/tubérculos, 18% leguminosas e 8% oleaginosas (INE, 2011).

Conforme o Fundo Monetário Internacional (FMI, 2014), o país permanece importador líquido de gêneros alimentícios para abastecer os centros urbanos. Todavia, a produção de milho cresceu apenas 3,5% ao ano de 2005 a 2011, e de mandioca apenas 2,5% no período. Destaca-se que o referido aumento foi o suficiente para acompanhar o ritmo do crescimento populacional de 2,7% ao ano. O crescimento na produtividade de produtos alimentares essenciais tem sido baixo e a produção de arroz, milho, mandioca e batata-doce estão entre as menores da região.

A produção de culturas alimentares básicas pode variar de região para região de acordo com o tipo de cultura dominante, porém a produção de milho e de mandioca é a principal em todas as regiões. Por exemplo, o CAP indica que aproximadamente 30% a 40% dos agregados familiares produz mapira no centro e no norte de Moçambique, respectivamente, mas apenas 3% produz essa cultura no sul do país. A batata-doce e o arroz são significativamente produzidos no centro do país sobretudo nas províncias de Zambézia e Sofala. Entre 27% e 29% dos produtores em Zambézia e 16% e 32% em Sofala produzem batata-doce e arroz, respectivamente. No sul, o amendoim mostra-se importante na segurança alimentar dos agregados familiares, compreendendo aproximadamente 40% dos produtores (INE, 2011).

ANAIS

2.2.3 Acesso ao crédito de financiamento

Segundo Mosca e Nova (2019, pp.24-25), o desempenho do setor agrário em Moçambique é diverso, conforme se avalia o setor comercial ou de subsistência. O setor comercial é caracterizado por crescimento de investimento, capital-intensivo, produção e produtividade. O investimento privado é majoritariamente estrangeiro, orientado para culturas de exportação e de abastecimento dos grandes centros de consumo urbanos. O setor dos pequenos produtores é responsável por 99% da área cultivada, 95% da produção alimentar e enquadra 2/3 da população ativa do país, sendo esse contingente populacional com oportunidade empregacional limitada fora da agricultura. A manutenção da agricultura familiar é realizada por meio do aumento de explorações cada vez menores, que acompanha a dinâmica demográfica, à custa do desmatamento sistemático, sem aumento da área total, com baixa adoção de tecnologias de aumento da produtividade, vulnerabilidade às variações meteorológicas e perda anual de floresta estimada em 3% a 4%. Os níveis de insegurança alimentar mantêm-se estáveis e altos, representando aumento do número de pessoas vulneráveis.

O Ministério de Agricultura e Segurança Alimentar (MASA, 2015, p. 7) afirma que o desenvolvimento de ações de facilitação de investimentos, através linhas de crédito, promove a produção de alimentos e balcanização dos produtores agrícolas nas zonas irrigadas e com potencial produtivo. O referido Ministério destaca as seguintes linhas de crédito: Crédito Especial de Avicultura, Crédito de Horticultura, Crédito Revolvingfund, CredAgro (GdM, Standard Bank e AGRA), Agroinveste e Crédito Especial PRSP II.

Segundo o Observatório do Meio Rural (OMR, 2020, p.13), Moçambique enfrenta enormes déficits de produção de alimentos que levam, regularmente, à escassez de bens alimentares de base, incluindo cereais essenciais, como milho, arroz, trigo, hortícolas, além da carne. As atuais estratégias de desenvolvimento do governo levaram a planos de investimento agrícola que são fundamentalmente baseados em objetivos e metas econômicas que priorizam a geração de receita, à promoção de emprego na agricultura, e prestam pouca atenção à produção de culturas alimentares básicas nos níveis familiar e nacional. Moçambique continua a depender das importações dos principais grãos, como milho, trigo e arroz, embora um volume inferior de milho.

Contrastando com a situação de Moçambique, no Brasil, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso no ano de 1996, foi criado o PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, cuja finalidade foi promover o aumento da capacidade produtiva, o emprego e a melhoria da renda familiar (BRASIL, 1996; MAFRA E RESENDE, 2016).

2.2.4 Acesso ao mercado

Segundo Dutra et al., (2015, p. 26) o mercado interno caracteriza-se por baixo poder de compra geral e grande incidência da pobreza, desenvolvendo-se atividade de forma quase integralmente “informal”. Por volta de 2015/2016, o mercado abastecedor de hortícolas em Moçambique encontrava-se praticamente confinado aos grandes regadios na zona sul, destacando-se os da Moamba e Chókwè, e às Zonas Verdes próximas dos grandes centros

ANAIS

consumidores, designadamente Maputo, Beira, Chimoio e Nampula. Dessa forma, o mercado interno de hortícolas situa-se principalmente nas zonas urbanas e periurbanas, em particular na região sul onde tem baixa aptidão agroecológica para a agricultura no período quente. Evidencia-se que o mercado doméstico é abastecido por hortícolas nacionais e importadas, sendo tomate, cebola, repolho, feijão-verde, pimenta, beterraba, alho, alface, couve e cenoura os principais, porém, lentamente amplia-se a variedade de produtos, incluindo alimentos processados ou com valor agregado, como verduras pré-lavadas.

Quanto aos vegetais não convencionais, pode-se citar inhame, cacana (*Momordica indica*), rúcula, quiabo e amaranto. O tomate importado da África do Sul vem de regiões próximas a Maputo, bem como do Limpopo a cerca de 500 km, de Kwazulu Natal entre 2.500 a 3.000 km. Os principais agentes desse abastecimento através de longas distâncias são os comerciantes moçambicanos de produtos frescos que comumente são chamados “Mukheristas”. No geral, a distribuição de produtos agrícolas em Moçambique é realizada em três formas:

- a) Compras em grande quantidade de alimentos, essas compras são feitas nos campos mesmo, e quando essas pessoas compram em grandes quantidades e não possuem caminhões para carregar, eles contratam pessoas, que levam esses produtos em suas cabeças, trabalho árduo e pesado, enfrentado por esses trabalhadores.
- b) Carrinhas de mão, o trabalhador faz o esforço para levar 1 toneladas ou mais para transportar dos mercados secundários para os principais, que estão nas capitais provinciais;
- c) O Transporte pode ser feito por meio rodoviário ou ferroviário, que são usadas para o transporte das capitais provinciais para Maputo, portos de Moçambique e por vezes via rodoviária para exportação.

A rede de comercialização moçambicana para hortícolas é constituída por comerciantes informais (mercados municipais, mercados suburbanos, barracas e vendedores ambulantes) e comerciantes formais (mercearias e supermercados), importadores (“mukheristas” e supermercados) e exportadores (vendedores ambulantes).

Os produtores, vendedores ambulantes e importadores realizam diversos tipos de comércio (a grosso e a retalho) no mesmo mercado. Nas zonas rurais, a comercialização é principalmente assegurada pelos vendedores ambulantes. Apesar disso, produtores, vendedores ambulantes e mukheristas desempenham papel importante na distribuição de hortícolas no País (DUTRA ET AL. 2015, P. 26).

O mercado externo, segundo Ministério de Agricultura e Segurança Alimentar (MASA, 2017, p.7), em abordagem comparativa com outros países, afirma que as exportações de Malawi aumentaram significativamente entre 2006 e 2008, porém estagnaram no período seguinte, mas não em função do nível de produção. Tanto em Malawi quanto no Quênia existe tradição muito mais forte de consumo local do feijão bóer do que nos demais países. Simtoweet al. (2010) referem, por exemplo, que mais de metade da produção no Malawi é destinada ao consumo local.

De acordo com Observatório do Meio Rural (OMR, 2020, p.13), apesar da vaga aquisição de terra de grande escala para produção agrícola comercial, os pequenos agricultores continuam a desempenhar papel essencial na garantia de fornecimento de culturas alimentares específicas para mercados de alimentos e de rações locais, domésticos e

ANAIS

internacionais, não como trabalhadores agrícolas, mas através de vários modelos de subcontratação. Isso tem estado no centro de esforços envidados para promover a participação de pequenos agricultores em cadeias de valor comerciais.

2.2.5 Oportunidades e desafios do agronegócio

O Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar (MASA, 2015, p.11) refere-se às várias oportunidades em Moçambique, destacando o potencial de investimento de 12 cadeias de valor estratégicas, sendo: soja, arroz, milho, banana, cana-de-açúcar, mandioca, algodão, frutas e vegetais, aves, castanha de caju, pecuária e floresta.

Moçambique desfruta de abundância de terra, água e sol. Possui igualmente localização vantajosa em relação aos mercados regionais e rotas marítimas para a Ásia e Europa, além de mão de obra barata, variedade de zonas climáticas que proporcionam condições favoráveis para o cultivo de muitos tipos de produtos em épocas de alta de mercado. Outras oportunidades vão desde a expansão de produtos tradicionais como o milho, açúcar, algodão, caju e coco, até ao desenvolvimento de novas culturas de rendimento, tais como os biocombustíveis, frutas e horticulturas, entre outros.

Por essas razões, a USAID (2008) afirma que o setor da agricultura em Moçambique deveria ser um forte polo de atração do investimento nacional e estrangeiro se o ambiente de negócios fosse favorável. No entanto, persistem ainda sérios obstáculos para o sucesso, tal como evidencia a fraca capacidade do país atrair grandes investimentos para agricultura e agroindústria, assim como o papel limitado da agricultura comercial em relação ao setor familiar.

Segundo o Ministério de Agricultura e Segurança Alimentar (MASA, 2015, p.11) estabeleceu vários desafios como de traduzir as oportunidades agroecológicas em dinâmicas inclusivas de geração de riqueza, através da criação de emprego e da promoção de produtores emergentes; elevação da produtividade agrária; acesso às tecnologias e aos insumos melhorados; capacitação dos produtores e empresários; envolvimento de jovens no agronegócio; acesso ao financiamento (Divulgação); gestão de riscos; provisão de infraestrutura e melhorar o acesso aos mercados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de pesquisa se culminou na abordagem teórica sobre agricultura como fonte de renda familiar em Moçambique. A pesquisa assumiu caráter exploratório por meio de pesquisas exploratórias bibliográficas, e a revisão sistemática da literatura deu -se por dois bancos de dados diferentes, sendo eles: PUBMED e GOOGLE SCHOLAR, e também consultas foram feitas nas páginas oficiais do Moçambique.

Segundo Sarmiento (2013), “para que a informação recolhida no universo informacional seja fiável e os resultados da investigação sejam válidos, os instrumentos e métodos científicos utilizados devem ser apropriados”. Neste contexto, foi utilizado neste artigo um levantamento bibliográfico.

Procedimentos exploratórios bibliográficos utiliza-se para pesquisa de revisão sistemática, é possível usar informações em diversas publicações para construir ou definir

ANAIS

conceitos relacionados à questão estudada, e que são importantes para melhorar o campo de pesquisa acadêmico, promovendo melhores práticas (GIL, 2017).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são apresentados os resultados obtidos durante a coleta de dados no distrito de Rapale, Província de Nampula – Moçambique em 2021. No total foram entrevistados 30 agricultores de pequena escala, com uma idade que varia de 24 a 67 anos e possui o nível de escolaridade de até 12 classe.

Principal atividade praticada durante o Covid-19

Questionados sobre a principal atividade praticada durante o Covid-19 os dados apontam que os entrevistados responderam afirmando que a produção de culturas alimentares básica constitui a principal atividade base no seu dia-a-dia para o sustento da sua família. Em Moçambique, de acordo com Mosca (2014), a agricultura familiar consiste na atividade econômica que ocupa grande parte da população, podendo alcançar mais de 75% dos cidadãos.

Área da prática de agricultura familiar

Questionados sobre área para a prática da atividade de agricultura familiar, alguns dos entrevistados responderam afirmando que possuem 1/5 hectare e outros reponderam afirmando que possuem 1 hectare. A agricultura familiar em Moçambique é definida como sendo aquela feita em áreas com menos de um hectare, onde o cultivo da terra é realizado por pequenos produtores rurais, usando mão de obra familiar, ou aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo (SITOE, 2005).

Produção de alimentos

Questionados sobre a produção alimentar os dados obtidos mostram que parte dos entrevistados responderam afirmando que em 2020 produziram produtos alimentares suficientes para o consumo ao longo do ano assim como uma parte foi ao comércio.

Condições de conservação dos alimentos

Questionados em relação as condições de conservação dos alimentos os dados obtidos mostram que alguns dos entrevistados responderam afirmando que após colheita os produtos alimentares esses são armazenados em mínimas condições ou seja são acumulados em um único espaço e outros responderam afirmando que os seus produtos são conservados em sacos de 50 kg, devido a falta de condições.

ANAIS

O uso de adubos fertilizantes

Questionados sobre o uso de adubos fertilizantes os dados obtidos indicam que parte dos entrevistados responderam afirmando que durante a prática da atividade de produção com vista a garantir a produção e produtividade usam adubos fertilizantes e outros não usam produtos químicos ou seja adubos fertilizantes.

9

Acesso ao fundo de financiamento agrícola

Questionados em relação o acesso ao fundo de financiamento ou crédito agrícola os dados obtidos indicam que maior parte dos entrevistados responderam afirmando que durante a prática da atividade de agricultura nos últimos dois anos alguns produtores não receberam apoio financeiro e outros responderam afirmando que na safra de 2020 receberam apoio financeiro proveniente das ONGs que apoiam ao setor da agricultura ao nível distrito. O acesso ao crédito é quase que inexistente; segundo a FAO (2015), a dificuldade de acesso ao crédito e aos mercados, a fraca utilização de insumos melhorados, o predomínio da agricultura de sequeiro e a elevada dependência da importação de produtos alimentares fazem da agricultura um setor muito vulnerável.

Acesso ao mercado

Questionados sobre o acesso ao mercado, os dados obtidos mostra que os entrevistados responderam afirmando que a produção de 2020 por causa do Covid-19 não tiveram ou não se realizou feira dominical ou feira de agronegócio para a comercialização dos seus produtos alimentares resultante das medidas de restrições visando conter a propagação do novo coronavírus. De acordo com Observatório do Meio Rural (OMR, 2020, p.13), apesar da vaga aquisição de terra de grande escala para produção agrícola comercial, os pequenos agricultores continuam a desempenhar papel essencial na garantia de fornecimento de culturas alimentares específicas para mercados de alimentos e de rações locais, domésticos e internacionais, não como trabalhadores agrícolas, mas através de vários modelos de subcontratação. Isso tem estado no centro de esforços envidados para promover a participação de pequenos agricultores em cadeias de valor comerciais.

Potenciais compradores de produtos alimentares

Questionados sobre os principais compradores, uns dos entrevistados responderam afirmando que na safra de 2020 apesar da situação do Covid-19 os principais compradores dos seus produtos alimentares foram os comerciantes grossistas e ambulatórios e outros responderam afirmando que os principais compradores dos seus produtos produzidos em 2020 não foram comerciantes ambulatórios e nem grossistas. Os produtores, vendedores ambulantes e importadores realizam diversos tipos de comércio (a grosso e a retalho) no mesmo mercado. Nas zonas rurais, a comercialização é principalmente assegurada pelos vendedores ambulantes. Apesar disso, produtores, vendedores ambulantes e mukheristas

ANAIS

desempenham papel importante na distribuição de hortícolas no País (DUTRA ET AL. 2015, P. 26).

Meios de escoamento dos produtos alimentares

Questionados sobre os principais meios usados no escoamento dos produtos alimentares após colheita, os dados mostram que alguns dos entrevistados responderam afirmando que o escoamento dos seus produtos alimentares do local de produção para o local de residência é feita através do carregamento na cabeça e outros afirmam que o escoamento de seus produtos para o local de residência usa motos ou bicicletas.

Oportunidades e desafios

Questionados sobre as oportunidades e os desafios durante e após produção os dados indicam que alguns entrevistados responderam afirmando que as oportunidades e os desafios tem para frente mesmo com a situação do Covid-19 é a expansão da área de cultivo e o cultivo de outros produtos fora dos habituais e outros entrevistados não responderam a questão levantada. Por essas razões, a USAID (2008) afirma que o setor da agricultura em Moçambique deveria ser um forte polo de atração do investimento nacional e estrangeiro se o ambiente de negócios fosse favorável. No entanto, persistem ainda sérios obstáculos para o sucesso, tal como evidencia a fraca capacidade do país atrair grandes investimentos para agricultura e agroindústria, assim como o papel limitado da agricultura comercial em relação ao setor familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi discutir o processo de produção alimentar e o acesso ao mercado diante da Pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19). Para uma conclusão do trabalho realizou-se um trabalho de busca de dados do campo onde mostram que os pequenos agricultores consideram a produção de culturas alimentares básica constitui a principal atividade base no seu dia-a-dia para o sustento da sua família.

Alguns dos pequenos agricultores para a prática de agricultura ocupam uma área que corresponde a 1/5 hectare e outros 1 hectare. Com esta área de cultivo estes em 2020 produziram produtos alimentares suficientes para o consumo ao longo do ano assim como uma parte foi ao comércio e são consideradas as condições de conservação após colheita acumulação em um único espaço e em sacos de 50 kg.

No que concerne ao uso de adubos fertilizantes com vista a garantir a produção e produtividade os dados divergem dando indicação que alguns produtores de pequena escala usam adubos fertilizantes e outros não usam produtos químicos ou seja adubos fertilizantes. Da mesma maneira obtidos indicam que durante a prática da atividade de agricultura nos últimos dois anos alguns produtores não receberam apoio financeiro e outros alegam que na



ANAIS

safras de 2020 receberam apoio financeiro proveniente das ONGs que apoiam ao setor da agricultura ao nível distrito.

Devido a situação da pandemia do Covid-19 a produção de 2020 os produtores não tiveram acesso a feira dominical ou feira de agronegócio para a comercialização dos seus produtos alimentares. Parte dos agricultores consideram os principais compradores dos seus produtos alimentares foram os comerciantes grossistas e ambulatórios e alegam que os principais compradores de produtos produzidos em 2020 não foram comerciantes ambulatórios e nem grossistas.

São considerados os principais meios usados no escoamento dos produtos alimentares após colheita do local de produção para o local de residência o carregamento na cabeça e uso de motos ou bicicletas. E as oportunidades e os desafios têm para frente mesmo com a situação do Covid-19 é a expansão da área de cultivo e o cultivo de outros produtos fora dos habituais.

ANAIS

REFERÊNCIAS

ARNDT, C., et al. Higher fuel and food prices: impacts and responses for Mozambique. **Agricultural Economics**, 2008, p. 39: 497-511.

CAVALLI, S. B. et al. Agricultura familiar em tempos de Covid-19. **Revista de Nutrição**, v. 33, p. e200180, 2020.

CENSO AGRO-PECUÁRIO **2009-2010**. Instituto Nacional de Estatística. Maputo, 2012. <duplicada>

CONSELHO DE MINISTRO. **Plano de Ação para Redução da Pobreza (Parp) 2011-2014**. Maputo, 2011.

CUNGUARA, B., & DARNHOFER, I. Assessing the impact of improved agricultural technologies on household incomes in rural Mozambique. **Food Policy**, 2011, 36(3): 378-90.

DUTRA, A. S., et al. **Horticultura em Moçambique**: características, tecnologias de produção e de Pós-Colheita. Maputo, 2015

EL-SHEHAWI, A. M.; ALOTAIBI, S. S.; ELSEEHY, M. M. Genomic Study of COVID-19 Corona Virus Excludes Its Origin from Recombination or Characterized Biological Sources and Suggests a Role for HERV5 in Its Wide Range Symptoms. **Cytology and Genetics**, v. 54, n. 6, p. 588-604, 2020.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL - FMI. Departamento em África. **Moçambique em Ascensão: Construir um novo dia**. Washington - D.C., 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017: Resultados Definitivos - Moçambique**. Maputo, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **O Perfil de Desenvolvimento Humano em Moçambique, 1997 – 2011**. Maputo, 2012. Disponível em <http://www.ine.gov.mz/estatisticas/publicacoes/o-perfil-de-desenvolvimento-humano-em-mocambique-1997-2013-2011.pdf/view>. Acesso em: 26 de outubro de 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS. **Produto Interno Bruto, Óptica da Produção 2011**. Disponível em: http://www.ine.gov.mz/indicadores_macro_economicos/cn/pib/document.201006016.870850158. Acesso em: 21 de junho 2021.

LAI, CHIH-CHENG et al. Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) and coronavirus disease-2019 (COVID-19): The epidemic and the challenges. **International journal of antimicrobial agents**, v. 55, n. 3, p. 105924, 2020.

MATHURIA, J. P. et al. Laboratory diagnosis of SARS-CoV-2 - a review of current methods. **Journal of infection and public health**, 2020.

MOSCA, J. & NOVA, Y. **Agricultura**: Assim, não é possível reduzir a pobreza em Moçambique. Observador Rural, (80). Maputo: Observatório do Meio Rural (OMR), 2019. Disponível em: <https://omrmz.org/omrweb/publicacoes/or-80/> Acesso em: 9 de maio de 2020.

MOSCA, J. **Agricultura Familiar em Moçambique**: ideologias e políticas. Lisboa: CESA, 2014.

OBSERVATORIO DO MEIO RURAL. **Repensar a Segurança Alimentar e Nutricional**: alterações no sistema agroalimentar e o direito à alimentação em Moçambique. Maputo, n.84, 2020.

ANAIS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA – FAO. **Programa da FAO em Moçambique**: no âmbito do programa das Nações Unidas “Delivering as One”. Moçambique, 2012-2015. Disponível em: ftp://ftp.fao.org/OSD/CPF/Countries/Mozambique/CPFbrochure-por_MOZ_2012-2015.pdf. Acesso em: 28 de set. 2017.

RAVI, N. et al. Diagnostics for SARS-CoV-2 detection: A comprehensive review of the FDA-EUA COVID-19 testing landscape. **Biosensors and Bioelectronics**, v. 165, p. 112454, 2020.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Trabalho de Inquérito Agrícola**. Ministério da Agricultura: Maputo, 2008.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **POBREZA E BM-ESTA EM MOÇAMBIQUE**: terceira avaliação nacional. Ministério da Planificação e Desenvolvimento e Direcção Nacional de Estudos e Análise de Políticas. Maputo, 2010.

RESENDE, Cátia Meire; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Desenvolvimento Rural e Reconhecimento: tensões e dilemas envolvendo o Pronaf. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 54, n. 2, p. 261-280, 2016.

SINGER, B. J.; THOMPSON, R. N.; BONSALL, M. B. The effect of the definition of ‘pandemic’ on quantitative assessments of infectious disease outbreak risk. **Scientific reports**, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2021.

SARMENTO, M. **Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses**. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2013.

SITOE, T. A. **Agricultura familiar em Moçambique**: estratégias de desenvolvimento sustentável. Maputo, jun. 2005.

USAID. **Investimento Privado no Sector de Agricultura em Moçambique**. 2008. Disponível em: http://speed-test.co.s79942.gridserver.com/wp-content/uploads/2012/09/nathan216073-v1-private_investment_in_the_agriculture_sector_portuguese.pdf. Acesso em: 23 dez. 2017.

VALENCIA, D. N. Brief review on COVID-19: the 2020 pandemic caused by SARS-CoV-2. **Cureus**, v. 12, n. 3, 2020.

WAN, Y. et al. Receptor recognition by the novel coronavirus from Wuhan: an analysis based on decade-long structural studies of SARS coronavirus. **Journal of virology**, v. 94, n. 7, 2020.

ZHAI, P. et al. The epidemiology, diagnosis and treatment of COVID-19. **International journal of antimicrobial agents**, v. 55, n. 5, p. 105955, 2020.

ANÁLISE DA CADEIA DE VALOR DO FEIJÃO BÓER EM MOÇAMBIQUE POLÍTICAS PÚBLICAS E PLANO DE ACÇÃO. Maputo: Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar (MASA), 2017.

ANUÁRIO DE ESTATÍSTICAS AGRARIAS 2012-2014. Maputo: Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar (MASA), 2015.